



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO [CCE]
DEPARTAMENTO DE ARTES [ART]
CURSO DE ARTES CÊNICAS

Alexandra Renata dos Santos Abreu

Memorial descritivo da performance “Estratégias de sobrevivência.
Parte 1: embelezamento”

Florianópolis

2023

Alexandra Renata dos Santos Abreu

Estratégias de sobrevivência.

Parte 1: embelezamento

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Artes Cênicas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Canale Miola

Florianópolis

2023

Abreu, Alexandra Renata dos Santos
Estratégias de Sobrevivência : Parte 1: embelezamento /
Alexandra Renata dos Santos Abreu ; orientadora, Gabriela
Canale Miola, 2023.
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Artes Cênicas,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Artes Cênicas. 2. Fotoperformance. 3.
Envelhecimento. 4. Gênero. 5. Filtros embelezadores. I.
Miola, Gabriela Canale. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Artes Cênicas. III. Título.

Alexandra Renata dos Santos Abreu

Estratégias de Sobrevivência

Parte 1: embelezamento

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Artes Cênicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Artes Cênicas.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2023.

Prof. Dr. Sergio Nunes Melo

Coordenador do Curso

Banca examinadora

Profa. Dra. Gabriela Canale Miola

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maíra Castilhos Coelho

Universidade do Estado de Santa Catarina

Profa. Dra. Janaína Trasel Martins

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023.

Dedico esse trabalho à Maria, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Léo, pelo olhar sensível para o meu trabalho e para quem eu desejo “todo o amor que houver nessa vida”.

Ao Nilo, meu companheiro de todas as horas, por ter sido colo e entusiasmo.

À minha família Maria, Deia, Gustavo, Vini, Vânia, Lila e Igor, que de longe emanaram boas energias.

Às minhas irmãs de vida Sonica, Val e Gi, que vibram de felicidade com as minhas conquistas e me desejam o bem.

Ao Lipe, um amigo-irmão que a universidade me deu, pelas risadas necessárias.

Às/os colegas da Cênicas que compartilharam comigo as “dores e delícias” do trajeto, com um especial agradecimento à/aos amiga/os querida/os Lari Reimer, Lucas Lima, João Mário Monje Filho e Álvaro Fieri (que momento!)

À minha orientadora, Gabriela Canale Miola, por quem eu tenho profundo respeito como artista e docente e que, generosa e pacientemente, mostrou a força contida em meu trabalho e me ajudou a transpor diversas barreiras como mulher-artista-criadora.

Às queridas professoras Maíra Castilhos e Janaína Martins, duas mulheres fortes e que, em diferentes fases da minha formação, me fizeram crer na minha potência criadora.

À Sandra Nunes e equipe da Galeria Pedro Paulo Vecchietti, por abrirem o espaço para artistas em formação.

Ao LabCine e ao Gabriel Varalla, o querido Guel, pelo apoio técnico e sensível em todos os momentos que precisei.

Aos servidores, corpo técnico, pessoal administrativo e docentes do Curso de Artes Cênicas, em especial ao Gabriel Guedert do LabLuz, pela ajuda e disponibilidade, à Professora Elisana de Carli e ao Professor LF Pereira, pela carinhosa e dedicada condução das aulas e orientações ao longo do meu percurso.

À Universidade Federal de Santa Catarina, que me oportunizou uma formação acadêmica pública, gratuita, de qualidade e alicerçada em pensamento crítico.

E vou me espalhar por toda superfície que eu puder, porque eu não posso me encaixar num espaço tão pequeno. Eu nasci assim, gigantesca.
(Volker, 2019)

RESUMO

O memorial descritivo a seguir relata o trajeto percorrido entre a concepção de uma ideia como proposta de finalização da disciplina Performance I, do curso de graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, até o último respiro de um processo artístico. No texto, apresento as razões que me levaram a falar sobre o tema embelezamento, a criação, o desenvolvimento e a exibição pública da primeira parte da performance “Estratégias de Sobrevivência” em uma exposição coletiva na Galeria Pedro Paulo Vecchietti, na cidade de Florianópolis, seguida de seu desdobramento no Instagram, tendo o tema do envelhecimento feminino como disparador e os filtros embelezadores da rede social, em questão, como recorte. Para desenvolver o trabalho, me apoiei nas reflexões sobre gênero e a colonização de corpos de Judith Butler (2018), Flávio Henrique Firmino e Patrícia Porchat (2017), Mary Del Priore (2000), Sandra Portella Montardo e Laura Schemes Prodanov (2022) e Amanda Castro (2015). Para pensar a sociedade da imagem e do consumo e seus efeitos nos indivíduos, recorri a Guy Debord (1967), Suzan Sontag (1977) e Danilo Patzdorf (2022). Para refletir sobre o uso das redes sociais, distorção de imagens e publicidade do Instagram, me apoio em Átila Iamarindo (2021) e Rosângela Moreira (2021). E recorro a Richard Schechner (2003), Diana Taylor (2013), Eleonora Fabião (2013) e Luciano Vinhosa (2014), para falar sobre performance e fotoperformance.

Palavras-chave: fotoperformance; envelhecimento; gênero; patriarcado; filtros embelezadores

ABSTRACT

The following descriptive memoir recounts the journey between the conception of an idea as a proposal for the conclusion of Performance I's class, a course in Performing Arts at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), to the last breath of an artistic process. In the text, I present the reasons that led me to talk about the theme of beautification, the creation, development and public exhibition of the first part of the performance "Survival's Strategies" in a group exhibition at the Pedro Paulo Vecchiatti Gallery in the city of Florianópolis, followed by its evolution on Instagram, themed as female's aging as the trigger and the beauty filter of the social network in question as the cut-out. To develop the work, I relied on reflections on gender and the colonization of bodies by Judith Butler (2018), Flávio Henrique Firmino and Patrícia Porchat (2017), Mary Del Priore (2000), Sandra Portella Montardo and Laura Schemes Prodanov (2022) and Amanda Castro (2015). To think about the society of image and consumption and its effects on individuals, I turned to Guy Debord (1967), Suzan Sontag (1977) and Danilo Patzdorf (2022). To reflect on the use of social networks, image distortion and Instagram advertising, I rely on Átila Iamarindo (2021) and Rosângela Moreira (2021). And I turned to Richard Schechner (2003), Diana Taylor (2013), Eleonora Fabião (2013) and Luciano Vinhosa (2014) to talk about performance and photoperformance.

Keywords: Photoperformance; aging; gender; patriarchy; beauty filter

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Influenciadora viciada em cirurgia gasta mais de R\$ 100 mil para se tornar um “filtro do Instagram”	18
Figura 2 - Seus joelhos denunciam a idade?.....	19
Figura 3 - Primeira postagem no Instagram	28
Figura 4 - Primeira fotoperformance da série “Estratégias de sobrevivência”.....	29
Figura 5 - Cindy Sherman.....	31
Figura 6 - Cindy Sherman no Instagram.....	31
Figura 7 - Miss Beige no Instagram	32
Figura 8 - Performance pública de Miss Beige	33
Figura 9 - Convite para participação em performance pública	33
Figura 10 - Banho de sol.....	37
Figura 11 - Bonita de rosto	38
Figura 12 - A beleza é um negócio e bem lucrativo.....	39
Figura 13 - Frente e verso do cartaz de divulgação da II Mostra de Performance e Novas Mídias	40
Figura 14 - Exibição da fotoperformance Estratégias de Sobrevivência. Parte 1: embelezamento na II Mostra de Performance e Novas Mídias	41
Figura 15 - Performando na Mostra.....	42
Figura 16 - Público visitante da Mostra.....	43
Figura 17 - Você pode olhar todas as minhas fotos e mesmo assim sair daqui sem me conhecer	44
Figura 18 - Elástica	45
Figura 19 – “Minha mãe, minha avó. E antes delas minha tataravó. E antes delas um milhão de gerações distantes dentro de mim”	46
Figura 20 - Máscara de filtro	48
Figura 21 - Dia mundial da fotografia (com filtro).....	49
Figura 22 - Tentando (e falhando) conservar o frescor dos 20 anos com as maravilhas da tecnologia moderna	50
Figura 23 - Mulher tem que se cuidar senão não chama a atenção dos homens.....	51
Figura 24 - Adoro lugares onde eu posso ser eu mesma.....	52
Figura 25 - Perfil no Instagram @eu_mimética	53
Figura 26 - Perfil no Instagram @eu_mimetica (conclusão).....	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CORPOS FEMININOS: COLONIZADOS DO PRIMEIRO ABRIR AO ÚLTIMO FECHAR DE OLHOS	14
3 INSTAGRAM: O MUNDO-IMAGEM OU “TUDO EXISTE PARA CABER NUMA FOTO?”	20
3.1 A PUBLICIDADE DA INDÚSTRIA ESTÉTICA NO INSTAGRAM OU O ALGORITMO A SERVIÇO DO CAPITALISMO E DO PATRIARCADO	22
3.2 OS FILTROS EMBELEZADORES OU ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NO TERRITÓRIO DA “PERFEIÇÃO”.....	24
4 UMA FOTOPERFORMANCE OU “ESTOU BEM PARA VOCÊ”?.....	26
4.1 ESTRATÉGIA COMO SAÍDA.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Estratégia é substantivo feminino. A frase me soa como poesia e por um brevíssimo instante acho bonito. Seria, não fosse o fato de que a estratégia que trata este trabalho, tem a ver com a sobrevivência de mulheres em um mundo patriarcal e capitalista, sistemas somatopolíticos, na perspectiva de Danilo Patzdorf, que empresta o termo de Paul Preciado para nos falar sobre “o conjunto de mecanismos político-técnico-midiáticos de controle dos nossos corpos, subjetividades e desejos no contexto neoliberal” (PATZDORF, 2022.p. 95).

Adotamos estratégias, desde cedo, para resistir à fragmentação de nossas identidades, com o objetivo de nos manter sob controle. Por isso é preciso, o tempo todo, estarmos atentas e fortes.

A série “Estratégias de sobrevivência. Parte 1: embelezamento” é uma resposta bem-humorada, não sem dor, à pressão que esses sistemas seculares exercem sobre os indivíduos. Tento, com isso, perceber de forma crítica que o lugar onde uma sociedade estruturalmente machista diz que eu devo estar, do ponto de vista da beleza e juventude, é um ideal calcado na sexualização de corpos e na subjugação de existências e que, por isso, devo me afastar dele.

O trabalho começou com o propósito de ser uma série de performances dividida em diferentes partes e temas específicos, apresentando estratégias, comportamentos, hábitos, objetos ou dispositivos que adotamos no dia a dia, de forma consciente ou não, para dar conta das pressões às quais os indivíduos estão submetidos no modelo de sociedade em que vivemos.

Escolhi o “embelezamento” como tema para a parte 1 da série, desenvolvida na disciplina de Performance I do curso de Artes Cênicas da UFSC, sob a orientação da Professora Doutora Gabriela Canale Miola e que apresento neste trabalho de conclusão de curso. Ou talvez o tema tenha me escolhido, pela urgência com que os conflitos ante o meu próprio envelhecimento têm se manifestado nesse momento e porque a proposta para o semestre nos convidava ao autocuidado.

A fotoperformance criada como trabalho artístico final da disciplina, trata de questões relacionadas à imagem (e a autoimagem) como aceitação, pertencimento e modos de intervenção tecnológica de manipulação dessas imagens, com o propósito de adequação aos padrões da sociedade (branca e heterocisnormativa).

A cultura exhibe a mulher, permanentemente, como forma de reforçar seus arquétipos. A imagem de mulher se justapõe com a de beleza e, como segundo corolário, à de saúde e juventude. As imagens refletem corpos super trabalhados, sexuados, respondendo sempre ao desejo do outro ou corpos medicalizados, lutando contra o cansaço, contra o envelhecimento ou mesmo contra a constipação. (NOVAES E VILHENA, 2005. p. 110)

O tema, dentro da série “Estratégias de Sobrevivência” dá conta desse cansaço, resultado dos inúmeros movimentos que as mulheres fazem no decorrer da vida em busca de um ideal de beleza por vezes inalcançável que, na sociedade patriarcal e machista, quer dizer magra e sem sinais de envelhecimento, mesmo que internamente ela esteja destituída de suas subjetividades.

Dentre as possibilidades de pesquisa acadêmica, adotei uma abordagem fenomenológica considerando que a prática precedeu a teoria, e sob a qual eu me deparo diariamente: a de que é obrigatório manter uma aparência jovem. E ao perceber que esse é um pressuposto estabelecido no imaginário coletivo e que adoecemos em função dele, desejo que este trabalho, sob uma perspectiva estética, contribua com o debate sobre como a sociedade lida com o envelhecimento feminino.

Dadas as características da criação, em processo de estudo e experimentação e do campo onde está inserida, considero importante salientar que a opção pelo memorial descritivo para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso foi um tanto forçosa. Isso porque a experiência de descrever o processo, embora seja uma maneira de registrar, não dá conta de produzir presença como se pretende (ou deseja) uma prática artística. Contudo, o suporte é o que mais se aproxima do que eu chamo de “relato vivo do trajeto”, tomando como referencial as reflexões de Fábio Gatti (2018), em que pesquisa e obra se misturam como uma coisa só:

Desse modo, os métodos usados pelos artistas deveriam ser o da descoberta, o da experiência e o do fazer e pensar. Estes sim são pressupostos presentes em qualquer pesquisa, devendo configurar o corpo metodológico básico das pesquisas em processos criativos (GATTI, 2018. p.4).

Por esse motivo, tento ir além do relato técnico em si e procuro criar significado e aproximação com quem lê, tendo como apoio as referências que me ajudam a transpor algumas fendas que percebo na relação produção artística *versus* produção acadêmica.

Assim, pesquisa prática e teórica contínua compõem este trabalho, organizado em cinco capítulos e que apresenta, em um panorama geral, os filtros de beleza do

Instagram como mecanismos de adequação aos padrões estéticos da sociedade, a publicidade da indústria da beleza por trás de discursos de bem-estar e investimento em saúde, como esses fatores impactam a realidade e a vida de mulheres, em especial no contexto do envelhecimento e qual a resposta artística eu encontrei para questionar o *modus operandi* desses dispositivos muito eficientes de controle.

Após essa breve introdução, no capítulo dois reflito sobre a colonização dos corpos baseada no gênero, apresento alguns números da indústria estética e para onde esses números estão nos conduzindo, tendo como referência as reflexões de Judith Butler (2018), Flávio Henrique Firmino e Patrícia Porchat (2017), Mary Del Priore (2000), Sandra Portella Montardo e Laura Schemes Prodanov (2022) e Amanda Castro (2015).

No terceiro capítulo, abordo a centralidade das imagens na sociedade contemporânea, direcionando o foco para a rede social mais famosa para compartilhamento de imagens e vídeos entre usuárias/os da internet, o Instagram. Neste contexto, reflito a influência da publicidade da indústria estética e de que maneira o algoritmo da rede social dá sustentação aos discursos sobre o envelhecimento feminino, vendendo o ideal jovem como “autocuidado”. Além disso, trago algumas informações sobre os filtros tecnológicos que “melhoram a aparência” e seu papel no agravamento do adoecimento mental relacionado a transtornos de imagem. Para sustentar essas reflexões, recorro a autores como Guy Debord (1967), Suzan Sontag (1977), Danilo Patzdorf (2022), Átila Iamarindo (2021) e Rosângela Moreira (2021).

No capítulo quatro, descrevo toda a trajetória da Fotoperformance “Estratégias de sobrevivência”. Parte 1: embelezamento”, desde a concepção até a exibição pública, trazendo, além de uma investigação autoetnográfica, referências como Richard Schechner (2003), Danilo Patzdorf (2022), Diana Taylor (2013), Eleonora Fabião (2013) e Luciano Vinhosa (2014), que sustentaram a minha criação. Abordo, também, as complexidades práticas e conceituais que encontrei no processo, ainda em execução.

Concluo o trabalho apresentando as reflexões finais sobre o trajeto percorrido, os impactos que os estudos dos temas provocaram em mim, uma artista mulher, os desejos de alcance da pesquisa realizada e da obra produzida, bem como os propósitos para continuidade do meu percurso nas artes da cena.

2 CORPOS FEMININOS: COLONIZADOS DO PRIMEIRO ABRIR AO ÚLTIMO FECHAR DE OLHOS

sou eu este corpo?
meu corpo não é somente o que você vê.
é memória, presente e possibilidade.
é sim, não e talvez [que às vezes coexistem].
meu corpo é trabalho, copo cheio, aperto no peito,
é sílaba única e livro inteiro,
gargalhada no sofá e choro no chuveiro.
meu corpo é atravessamento e adjacência,
periferia e centralidade,
banho de sol e floresta adentro.
é essência em órbita de um desejo:
de ancorar-se apenas em si mesmo,
sem a aspereza do olhar alheio.
[e o que tem você, então, a ver com o meu corpo?]
 (Abreu, 2023)

Ao pensar nos motivos que me levaram a conceber este trabalho, uma frase justificava tudo: sou mulher. Ou melhor dizendo, eu encarno essa performance de gênero, levando em consideração as reflexões de Judith Butler:

Nesse sentido, o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos (BUTLER, 1988. p. 3).

Isso evidencia a natureza performativa dos gêneros, que de acordo com Butler, não são inerentes (ou naturais, do ponto de vista biológico), tampouco uma mera construção social (culturalmente falando), mas sim uma produção de poder e de discurso (FIRMINO; PORCHAT, 2017). E é esse contexto de produção de poder e discurso, que nos impele a designar uma criança como menino ou menina assim que ela nasce, que situo este trabalho, entendendo que ele não contempla o todo.

Reconheço a existência de outros gêneros que escapam ao binarismo homem-mulher e enfrentam pressões por não se adequarem a essa matriz cis heteronormativa. No entanto, e apesar da importância do tema, é inviável abordar

neste breve relato de processo, os impactos das pressões estéticas sobre os tantos gêneros e corpos constitutivos da sociedade.

Assim como é inviável tratar, neste memorial descritivo de uma fotoperformance, a complexidade do envelhecimento da mulher negra, que merece uma reflexão sensível e aprofundada. As experiências dessas mulheres, ao envelhecer, são atravessadas por uma interseção de fatores, incluindo não só o gênero, mas raça e classe social, o que torna sua jornada única e frequentemente difícil. A pesquisa “Envelhecimento e desigualdades raciais” publicada em 2023 pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP em parceria com o Itaú Viver Mais, mostra que fatores como saúde, inclusão digital, condição financeira, exposição à violência, entre outros, são decisivos para determinar diferenças significativas entre o envelhecimento de pessoas negras e brancas. Os resultados da pesquisa indicam que grupos raciais historicamente favorecidos, possuem melhores condições de vida e longevidade na experiência do envelhecer, que ainda identificou desigualdades raciais, territoriais e de gênero em diversos outros aspectos.

E embora eu seja uma mulher parda, com um perfil longe do padrão europeu, percebi ao longo da pesquisa que esses atravessamentos passam por mim de forma adjacente, talvez porque o algoritmo da inteligência artificial – IA tenha viés racista, como sugerem alguns estudos recentes, já que os anúncios relacionados à estética que a rede social me sugere, por exemplo, sempre apresentam mulheres brancas como modelos de padrão de beleza a ser seguido. Um exemplo é o documentário *Coded Bias* (Netflix, 2020), onde Joy Buolamwini, pesquisadora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, MIT, mostra como ela percebeu uma falha no reconhecimento facial de um sistema que seria utilizado em um projeto de arte e tecnologia. O sistema só reconhecia a pesquisadora, que é negra, quando ela colocava uma máscara branca em seu rosto, demonstrando como os algoritmos de IA podem conter preconceitos e discriminações que afetam diferentes grupos sociais de forma desigual.

Mas partindo, então, do pressuposto que eu sou reconhecida em um gênero específico como resultado de uma “repetição estilizada de atos” (BUTLER, 1988. p. 3) e que esses atos são performativos de uma identidade, estou situada no mundo no gênero mulher cis heteronormativa, em um sistema patriarcal e numa posição que me subordina a um discurso de poder e à diversas necessidades de modulação para me enquadrar e ser aceita dentro dos padrões considerados adequados para produzir

uma identidade feminina ou um gênero inteligível (BUTLER 2003 *apud* FIRMINO; PORCHAT, 2017. p. 58), e que tenha coerência com a matriz cis normativa homem-mulher.

E embora essa necessidade tenha me acompanhado a vida toda, com mais ou menos força a depender do contexto e local e eu sempre tenha buscado mecanismos de adequação como a redução do meu peso corporal ou controle do volume do meu cabelo crespo ou, ainda, contenção da minha “personalidade forte”, sou uma mulher de 47 anos que me coloca em uma categoria específica que é a de mulher madura, ou seja, que a sociedade diz que precisa rejuvenescer porque envelhecer naturalmente parece ser um mal que devemos combater.

Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho (DEL PRIORE, 2000. p. 11).

Nesse contexto, tenho uma relação antagônica com o Instagram, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos. Ali estão concentrados diversos perfis que produzem conteúdo que me interessam, como arte, política e agenda cultural. Mas as postagens de perfis que escolhi seguir não aparecem de forma orgânica na minha linha do tempo, porque sou bombardeada de publicações sugeridas pela rede, relacionadas a procedimentos de modificação facial ou corporal, que me causam mal-estar. Se algum dia procurei esse tipo de conteúdo e “eduquei mal” o algoritmo¹? Certamente.

Mas tendo buscado, ou não, fato é que a rede alimenta meus desejos íntimos de adequação me mostrando inúmeros *posts* patrocinados com chamadas do tipo “acabe de vez com a papada” ou “que tal dar um *up* no visual cansado com esse creme *lifting* instantâneo?” Ou, ainda, “não se vista como velha”. Todas com o propósito de retardar - ou o impossível - eliminar de vez os sinais da idade. E em paralelo, perfis de mulheres beirando a “perfeição” (dentro de uma performance de gênero patriarcal, capitalista e heterocisnormativa), com suas peles jovens, lisas e maquiadas, seus cabelos brilhantes e alinhados e seus corpos magros e sarados. Se o que vejo na tela é real, não dá para saber.

¹ Ferramentas de processamento de informações que identificam quais publicações devem aparecer para os/as usuárias de uma rede social

O Instagram se tornou popular após a introdução da plataforma nos celulares Android, em 2012, já que antes ela estava restrita ao Iphone. Já a modificação das imagens nas redes sociais por meio de filtros é uma realidade desde 2017. Com a popularização e introdução dos filtros, qualquer foto merecia estar no *feed*, mas a profissionalização da rede alterou nosso senso de estética, como informa matéria da Revista Elle, de 2020. “Da mesma forma que tudo é passível de venda, em uma rede social que preza a imagem, a estética se torna *commodity*”, reflete Hilaine Yaccoub, consultora e pesquisadora de comportamento do consumidor, doutora em antropologia do consumo.

Assim, essas modificações deixaram de ser direcionadas a falhas ou defeitos na captura das imagens e foram se tornando ferramentas de correção da aparência de usuárias/os, acompanhando os padrões de beleza e tendências da indústria estética, que massivamente oferece procedimentos e produtos para correção de “imperfeições”, sejam relacionadas à idade, mas não somente. Imperfeições aqui, entre muitas aspas, porque a maioria é baseada no padrão de beleza ocidental que não dá conta da diversidade física e social das mulheres.

A discussão é amplificada quando se percebe o aumento dos distúrbios relacionados às distorções de imagem, que fazem com que usuárias das redes sociais busquem profissionais de estética com o objetivo de modificar ou corrigir o que consideram imperfeições, tendo como padrão desejado os filtros de embelezamento do Instagram. Muitos jovens que procuram por cirurgias plásticas, buscam ficar mais parecidos com o que veem na rede social, o que ficou conhecido como Dismorfia Instagram. (OLIVEIRA, 2020 *apud* MONTARDO, PRODANOV, 2022).

Em matéria na *BBC Three*, de 2018, já se falava sobre o aumento de jovens com tendência a buscar procedimentos estéticos que as deixassem mais parecidas com suas *selfies* utilizando filtros, à época, os de outra rede social de mensagens multimídias, o *Snapchat*.

Segundo relatório da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (*ISAPS*), foram realizados, em 2020, durante a pandemia, 2 milhões de procedimentos só de cirurgia plástica estética. Isso nos coloca em segundo lugar no ranking global da entidade, atrás apenas dos Estados Unidos (*ISAPS*, 2023).

Um terço das mulheres jovens não publica fotos sem o uso de filtros de modificação e 39% delas demonstraram infelicidade pois sua aparência real era

diferente daquela projetada no celular (OLIVEIRA, 2020 *apud* MONTARDO, PRODANOV, 2022).

Figura 1 - Influenciadora viciada em cirurgia gasta mais de R\$ 100 mil para se tornar um “filtro do Instagram”



Fonte: *Metro Word News*

E não à toa, as mulheres são o principal público da indústria estética. Amanda Castro, em sua dissertação de mestrado pela UFSC *“Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento”* (CASTRO, 2015) nos diz que

A norma social, principalmente a cultura ocidental, apresenta a mulher mais velha como uma vítima da velhice, uma parte da população “em risco” que deve monitorar, tratar e prevenir quaisquer marcadores de velhice. Em pesquisa desenvolvida por Smirnova (2012), a partir de investigações em revistas, foi verificado que a mulher é o principal alvo da indústria dos anúncios e publicações relacionados a produtos rejuvenescedores. Os dados encontrados apontam que nas publicações dos Estados Unidos, o cosmético é apresentado como um medicamento e, portanto, capaz de “curar” a velhice, vista, portanto, como uma doença (CASTRO, Amanda 2015. Pg 46- 47).

Isso nos dá algumas pistas de porque, em pleno século XXI, ainda nos sentimos constrangidas quando perguntam a nossa idade e porque temos tanta dificuldade em vencer as barreiras da estética, apesar de termos avançado em diversas pautas relacionadas ao feminismo.

Uma outra hipótese é que somos constantemente bombardeadas com imagens destacando o envelhecimento como um inimigo a ser combatido, desencadeando uma espécie de guerra contra o tempo, sob pena de sermos abandonadas por nossos/as pares em um processo tanto inglório quanto impossível. Nesse contexto, há uma pressão evidente para que os sinais da velhice sejam evitados, como se a aceitação do processo natural fosse equiparada a uma derrota nessa luta pela juventude.

Assim, os indícios do envelhecimento são algo a ser ocultado ou corrigido, como no exemplo da próxima figura, uma postagem do Instagram, onde uma imagem de pernas, aparentemente associadas a uma pessoa mais velha, é acompanhada por uma legenda que questiona se os joelhos do leitor "denunciam" a idade. A palavra "denúncia" carrega uma conotação de crime, transformando o processo natural de envelhecer em algo a ser escondido ou, de certa forma, justificado. Os comentários, na postagem, feitos por perfis de mulheres, acompanham a ideia central do texto, evidenciando a pressão social imposta sobre a aparência e sugerindo que a passagem do tempo é vista como uma transgressão a ser evitada a todo custo.

Figura 2 - Seus joelhos denunciam a idade?



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVd1BF1pTAA/>

3 INSTAGRAM: O MUNDO-IMAGEM OU “TUDO EXISTE PARA CABER NUMA FOTO?”

Guy Debord criou o conceito a “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1967) que deu nome ao livro onde o sociólogo francês fazia uma crítica à sociedade contemporânea, como aquela que experimenta uma fase do capitalismo onde existe uma dependência entre a acumulação de capital e o aumento de imagens. Conforme Debord, essas representações visuais alienam o sujeito transformando-o em um observador passivo de uma sociedade problemática. Tudo é grandioso e nossa existência é moldada pelo irreal, guiada por imagens e submersa em um consumo desenfreado.

Conceito da década de 1967, mas que considero adequado para introduzir um capítulo que vai falar sobre uma rede social criada muitos anos depois da própria invenção da internet e que se tornou, em grande medida, o mediador de consumo de milhões de pessoas. Chamo esse “não-lugar” de mundo-imagem, termo extraído do livro *Sobre Fotografia*, da filósofa Suzan Sontag (SONTAG, 1977) utilizado como referência à predominância da fotografia no Ocidente.

Susan, em seu livro, chama à reflexão os vários aspectos da onipresença das imagens, e vai além do que Guy alertou sobre viver em realidades inventadas, ou representações da verdade, fazendo uma referência ao confinamento na caverna de Platão.

Ampliando a discussão alguns anos depois, ela percebe que desde a invenção da máquina fotográfica, em 1839, praticamente tudo foi fotografado e que as fotos “alteram a condição de confinamento: o nosso mundo.” (SONTAG, 1977. p. 13).

Achei, então, apropriado adotar o termo mundo-imagem para me referir ao Instagram, um universo constituído por excesso de imagens ultrafragmentadas dentro de realidades inventadas pelas/os usuárias/os para gerar conteúdos que sejam dignos de curtidas, com sorte, de viralização e idealmente para as indústrias, que convertam experiência imagética em consumo de produtos.

E por que é importante falar da centralidade que as imagens adquiriram na vida das pessoas? Porque desde a terceira revolução industrial, em meados do século XX, nossa atenção é constantemente requisitada pelo excesso de imagens à nossa volta e porque elas podem ser determinantes para compreender a leitura que fazemos do mundo, como bem salientou Suzan. E embora Arnaldo Antunes invoque: “o real

resiste”, como resistência ao mundo da manipulação (mesmo que em outro contexto) estamos cada vez mais conformados à vida inventada e a imagens recicladas, influenciadas por pessoas e com o objetivo de influenciar pessoas, não por desejo do indivíduo, mas porque estamos subalternizados à um sistema macropolítico desenhado para controlar nossos corpos e nossos desejos.

Suzan nos diz que “uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens” (idem, 1977. p. 195) uma vez que imagens promovem entretenimento, estimulam o consumo e colocam como coadjuvantes questões sociais, de classe, gênero e raça. Danilo Patzdorf, em seu *“Pequeno Manual de Autocuidado Para Corpos Esgotados”* (PATZDORF, 2022) abordando a questão do ponto de vista dos efeitos que os “modos de viver capitalistas” causam aos indivíduos, nos diz que

O corpo insaciável do indivíduo consumista requer novidades (produtos, experiências, imagens, notificações) a todo momento para se sentir vivo, retroalimentando o ciclo vicioso, viciado e viciante da lógica excitação-frustração que anima os mercados pós-industriais (moda, turismo, gastronomia, games, séries, pornografia, redes sociais, drogas legais e ilegais, etc). Deste modo, dispomos ingenuamente nosso corpo ao constante assalto da “economia da atenção” que quer converter nosso escasso tempo livre em maior tempo de uso de telas, aplicativos e redes sociais, pois, assim, mercantilizamos *momentos* até então inacessíveis à especulação financeira: o descanso, a carência e o tédio (idem, 2022. p.96).

Esse modelo de sociedade, de acordo com o autor, gera corpos esgotados, sedentários, distraídos e carentes. Embora todos eles resultem de uma sociedade neoliberal capitalista, chamo atenção para os dois últimos que mais nos interessam nesse estudo: o corpo distraído e o corpo carente. O corpo distraído é um corpo constantemente submetido a estados de extroversão e distração e que não consegue alternar com momentos de introspecção, tão necessários para manter regulados os sentidos vitais e nos manter alertas para a manipulação do sistema.

No corpo carente temos a falta de contato físico e a centralidade da comunicação verbal. De acordo com o autor, a ausência da relação tátil demonstra um empobrecimento da experiência sensorial desde a infância à velhice, resultando em uma insatisfação crônica e uma busca muitas vezes desenfreada pelo consumo, para preencher essa carência. Patzdorf destaca, ainda, a importância do toque e argumenta que a privação sensorial contribui para a solidão e o esgotamento do corpo.

As reflexões apontadas destacam alguns dos possíveis motivos que tornam as redes sociais, como o Instagram, tão centrais na vida de tantas pessoas. Trazendo os

modelos de corpos esgotados que a sociedade produz para dentro da discussão sobre o envelhecimento feminino, talvez possamos começar a compreender por qual razão a indústria estética opera de forma tão eficaz no manejo dos ideais de aparência que vende virtualmente.

3.1 A PUBLICIDADE DA INDÚSTRIA ESTÉTICA NO INSTAGRAM OU O ALGORITMO A SERVIÇO DO CAPITALISMO E DO PATRIARCADO

A maioria de nós sempre teve uma ideia de como somos a partir da nossa autoimagem refletida no espelho, ou seja, uma imagem invertida. Não bastasse isso, utilizamos constantemente as câmeras do celular para fazer *selfies* (ou somente para ver como estamos, na ausência de um espelho), o que contribui ainda mais para a distorção dessa imagem, já que para contemplar tudo o que compõe a cena, a lente disponibilizada nos aparelhos é do tipo grande angular, que proporciona um amplo campo de visão, mas ao mesmo tempo faz com que o objeto no centro da imagem, fique maior, como por exemplo, nosso rosto, fazendo com que acreditemos que essa é uma característica física nossa (IAMARINDO, 2021).

E a maneira como nos relacionamos com essa autoimagem é um importante apoio para a publicidade e o marketing promoverem produtos e serviços. A indústria estética, por sua vez, baseia-se na nossa insatisfação pessoal para oferecer itens que prometem melhorar características que, por questões diversas, mas fortemente influenciadas pelo discurso anti-idade, não gostamos em nós mesmas. E em uma sociedade capitalista como a nossa, ficamos reféns em um eterno ciclo de insatisfação, desejo, consumo e frustração, porque a qualquer novo sinal que fuja do exemplo de beleza hegemônico, o ciclo se retroalimenta e é reiniciado.

Antecedido por anúncios em revistas, jornais e tv's, o Instagram tornou-se um dos principais canais de mídia digital para promoção de produtos e procedimentos ligados à beleza, à modificação da aparência e a disseminação do discurso anti-idade:

Esse discurso é construído, na publicidade de cosméticos veiculada no Instagram, por meio de quatro estratégias discursivas centrais, são elas: a construção da noção dos cuidados com o corpo como uma obrigatoriedade para prevenir e disfarçar os sinais do envelhecimento; a produção de um conceito de beleza que se aproxima da perfeição, uma definição que exclui os traços corporais envelhecidos e exalta características joviais; a invisibilidade do corpo velho e a utilização de figuras femininas rejuvenescidas para associá-las aos ideais de beleza hegemônicos (MOREIRA, 2021. P. 16-17).

A plataforma não é somente uma rede social, mas um complexo sistema de marketing, influência e consumo, onde as indústrias usam algoritmos a seu favor para preconizar valores do patriarcado e do capitalismo, em especial quando nos referimos ao corpo feminino. Ademais, o Instagram distorce a percepção das/os usuárias/os, modificando o que vemos e como somos vistas/os. Isso ocorre porque na rede social, o extraordinário ganha status de comum e passamos a achar que aquilo é normal, estimulando, em nós, o desejo de repetir esses padrões, seja de comportamento, consumo ou beleza (IAMARINDO, 2021).

Considerando o “pressuposto de que existe um discurso anti-idade na publicidade de cosméticos” (MOREIRA, 2021. p. 104), no Instagram, essa publicidade ultrapassa a exposição de produtos, adotando discursos cuidadosamente elaborados. A conexão entre o algoritmo da rede social e a publicidade, objetiva personalizar os conteúdos promocionais com base em dados das/os usuárias/os, comportamentos online e preferências individuais, resultando em anúncios direcionados, expondo-os/as a produtos específicos alinhados com seu histórico na rede.

Uso como referência para essas reflexões, uma pesquisa realizada por Rosângela Moreira para sua dissertação de Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2021, onde foram analisadas dezesseis postagens veiculadas nos perfis institucionais do Instagram de marcas de cosméticos como *Payot*, *Avon* e *Beyoung*, grandes nomes da indústria da beleza. O estudo investigou como cada marca, utilizando de publicidade na referida rede social, usa estratégias discursivas relacionadas ao discurso anti-idade (MOREIRA, 2021) para vender produtos cosméticos.

A pesquisadora priorizou a relevância e alcance da rede social para escolher a plataforma de pesquisa, o Instagram, que à época possuía mais de 95 milhões de usuários² somente no Brasil (idem, 2021. p. 90) e elegeu as marcas a partir de suas grandes presenças online na rede. As peças selecionadas para análise, tinham como perfil a abordagem direta ou indireta de cuidados e venda de cosméticos para a prevenção e correção de sinais estéticos do envelhecimento, a presença de corpos femininos e a invisibilidade de corpos velhos, de forma a observar “como é construído o discurso anti-idade vinculado à mulher”:

² Em janeiro de 2022 esse número já tinha atingido mais de 119 milhões de usuários, segundo Alves e Montardo (2023). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65927/61005>. Acesso em 03.out.2023

Se entendemos o sujeito como um ser vulnerável às produções midiáticas (o que é potencializado com o advento das mídias sociais), julgamos como importante analisar as estratégias discursivas utilizadas pelas marcas, por meio da publicidade, atentando para os fatores encarregados de criar, sustentar e difundir estigmas relacionados ao envelhecimento corporal, especialmente em relação às mulheres (idem. p. 101).

A pesquisa reforça que a publicidade preconiza a noção de que o cuidado com o corpo está ligado à abordagem anti-idade. É vista como ação obrigatória e vendida como autocuidado e sinônimo de investimento em si mesma. Algumas marcas defendem que essa é a única atitude indispensável na rotina corrida da mulher contemporânea, ligando o cuidado com a aparência e estética, ao cuidado com a saúde.

Ao final, a pesquisa demonstrou que o corpo feminino envelhecido é tido como um processo inevitável, mas cujos sinais devem ser apagados ou adiados, através dos cuidados com o corpo que será mais bonito tanto quanto for a sua capacidade de se manter jovial. Deixar que os sinais de envelhecimento apareçam indica uma falha do sujeito contemporâneo, no caso aqui, as mulheres, que serão taxadas de desleixadas e sem os cuidados necessários para se manterem saudáveis. Disso, a pesquisadora conclui que:

Nesse panorama, os ideais acerca da beleza e do envelhecimento sugerem que, para se sentirem aceitos enquanto sujeitos, cada um deve moldar e submeter seu corpo a uma série de investimentos e procedimentos, para encontrar, enfim, a direção da beleza. Aqueles que não procuram se manter dentro dos enquadros da boa forma e se negam a consumir os inúmeros produtos que prometem trazer à tona a magreza, a firmeza e o rejuvenescimento, são acusados de negligência consigo mesmos (MOREIRA, 2021, p. 137).

Nesse sentido, a indústria da beleza aparece como aliada que oferece recursos para que o corpo atenda às exigências dos padrões hegemônicos, respondendo à já discutida dinâmica de controle das nossas subjetividades.

3.2 OS FILTROS EMBELEZADORES OU ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NO TERRITÓRIO DA “PERFEIÇÃO”

Quem nunca utilizou um filtro em fotos ou vídeos nas redes sociais, para disfarçar o que considera imperfeições na aparência, que atire a primeira pedra. Ou não, já que em algum momento da vida, isso pode ser inevitável. Não pelo desejo, mas por pressão.

As modificações de imagem já ocupavam um lugar muito importante na publicidade, com alterações de fotos de celebridades no *Photoshop* ou outros programas de edição. Mas isso ainda parecia muito distante da população comum, sem acesso à essas ferramentas e às próprias celebridades, que pareciam estar em lugares muito distantes da realidade das pessoas. Com a chegada da internet e a explosão das redes sociais, as *influencers* ocuparam esse lugar no imaginário e que embora muitas vezes inalcançável, parecem ser mais possíveis de se chegar.

Os filtros do Instagram estão na rede social desde a sua criação, mas inicialmente possuíam a função de conferir uma estética retrô às postagens (Vilicic, 2015 *apud* Montardo, 2023). Posteriormente, foram adicionados outros filtros, incluindo aqueles com fins embelezadores e, com o passar do tempo, eles tornaram-se uma parte significativa da cultura das redes sociais. Essas ferramentas, muitas vezes usadas para suavizar a pele, alterar as proporções faciais e até mesmo criar uma realidade virtual alterada, oferecem uma nova dimensão à maneira como as pessoas se apresentam online. Embora possam ser uma forma divertida de expressão criativa e autoestima, também levantam questões importantes sobre a pressão para atender a padrões de beleza irreais e a autenticidade nas redes sociais. A popularização desses filtros destaca a complexa relação entre identidade, imagem corporal e tecnologia, provocando debates sobre a autenticidade e a representação genuína de nós mesmos, em um mundo cada vez mais digital e filtrado.

Em 2023, as pesquisadoras Sandra Montardo e Laura Prodanov realizaram pesquisa com aplicação de questionário, com o objetivo de compreender a relação entre o uso dos filtros e a percepção de beleza das/os usuárias/os do Instagram *Stories*. Dentre as diversas questões apresentadas as/aos respondentes, a maioria mulheres, duas se destacaram na leitura do artigo, considerando a minha experiência pessoal e em função do contexto da pesquisa para o meu TCC: a penúltima e a última questões do formulário. A penúltima questionava se o uso de filtros embelezadores pode ter contribuído para aumentar a vontade de fazer um procedimento estético e para a qual, 61,4% das respostas responderam que sim. A última pergunta, feita somente para quem respondeu “sim” à questão anterior, questionava os motivos que as levaram a acreditar que os filtros contribuem para o aumento do desejo de realizar procedimentos estéticos. As respostas, de acordo com as pesquisadoras, corroboraram outras fontes consultadas anteriormente e faziam referência à melhora da aparência e sensação de bem-estar com a autoimagem, por reforçar padrões de

beleza, por melhorar a autoestima, ou “consertar” aquilo que as/os usuários viam como “errado” ou “feio”, pela possibilidade de testar o resultado de algum procedimento e pelo desejo de aproximar a realidade daquilo que era visto modificado pelo filtro.

As pesquisadoras concluíram, portanto que:

identifica-se que a prática que os filtros embelezadores do Instagram *Stories* reorganizam, é a de facilitar a simulação de alteração da aparência do rosto, por qualquer usuário. Essa prática, por sua vez, pode gerar insatisfação das mulheres (maioria das respondentes) quanto à sua aparência, ocasionando baixa autoestima, e levar, parte delas, a buscar por cirurgias ou por outros procedimentos estéticos, tendo em vista corrigir características suas interpretadas como defeitos a partir dos critérios utilizados por esses filtros embelezadores. Os efeitos desejados, seja com o uso desse tipo de filtro, seja com procedimentos estéticos, coincidem em termos de se alcançar uma beleza identificada como: rosto harmônico/simétrico, ao reproduzir uma pele lisa (botox), nariz fino (rinoplastia), lábios volumosos (preenchimento labial), etc (MONTARDO, PRODANOV, 2023, p. 272).

Recentemente o Podcast “*O Assunto*”, lançado em 09 de novembro de 2023, apresentado pela jornalista Natuza Nery, na esteira da morte de uma *Influencer* Digital após um procedimento estético, entrevistou a psicanalista Joana Novaes sobre a “busca pelo corpo perfeito”. A profissional destaca, como já vimos, que beleza está ligada à saúde e que a boa gestão do corpo e de si mesma, representa sucesso, reforçando que o Instagram imprime no sujeito contemporâneo uma dinâmica constante de comparação, em busca de um corpo inalcançável. O corpo que não se conforma ao padrão é rejeitado e, assim, se submete a riscos para ser incluído. Essa é uma das razões para a banalização de procedimentos estéticos.

Podemos admitir, portanto, diante dos resultados das pesquisas e informações apresentadas e todas as reflexões feitas anteriormente, que existe um padrão de beleza a ser alcançado, que esse ideal é amplamente difundido nas redes sociais e que o Instagram, em particular, desempenha um papel significativo na disseminação de um discurso anti-idade, contribuindo para a criação e reforço de ideais estéticos que, muitas vezes, se mostram inatingíveis e prejudiciais à saúde física e mental.

4 UMA FOTOPERFORMANCE OU “ESTOU BEM PARA VOCÊ”?

A pandemia de Covid-19 transformou a parte da população que tem acesso à internet, em seres virtuais forçosamente. Embora eu já trabalhasse de forma remota

desde 2012 e estivesse habituada com reuniões pelo Google Meet ou Zoom, na fase de maior restrição sanitária tudo se resumia a essas plataformas. E fora delas, a vida social acontecia nas redes sociais como Facebook e Instagram. Não tinha escapatória. E foi nesse período que detive meu olhar mais demoradamente para mim mesma, em frente às telas. Todos os dias, muitas horas por dia. Imagino que não tenha sido diferente para muitas mulheres.

E como precisávamos dar vazão a todo aquele desejo de ação confinado junto com a gente dentro de casa, fotos e vídeos do dia a dia e das coisas mais corriqueiras, se transformavam em conteúdo. Performamos nossas vidas particulares e parafraseando Schechner (2003), nos exibimos ao extremo e sublinhamos nossas ações para aqueles que nos seguiam. E mesmo dentro de casa, em um dos períodos mais difíceis da história do mundo, precisávamos estar bem (ou pelo menos parecer bem) aos olhos dos/as nossos/as seguidores, amigos, familiares e desconhecidos.

Os filtros de modificação de aparência já estavam presentes nas postagens das redes, mas na pandemia de Covid-19 tiveram seu ápice. Como citado anteriormente, a partir de 2017 as opções se multiplicaram e os próprios usuários podiam criar filtros de modificação. Assim, as possibilidades eram diversas, a gosto de seus criadores e alguns seguindo padrões conhecidos na rede como filtros de humor, de realidade aumentada, filtros temáticos e, inclusive, alguns bem polêmicos como aqueles relacionados à pandemia e que faziam piada com a doença. E me intrigava o fato que dentre os diversos tipos de filtros disponíveis, as mulheres do meu círculo utilizavam com maior frequência aqueles que faziam correções na pele, seja de cor, textura, na estrutura do rosto ou que simulavam alguma maquiagem. Eu conhecia aquelas pessoas e sabia que a aparência delas não era aquela. Tornou-se um hábito corriqueiro usar filtros de modificação da aparência e até hoje tenho amigas que defendem que não são obrigadas a aparecerem “feias” na internet, para justificar o uso dessas ferramentas em suas fotos. Algo nesse hábito despertou em mim um alerta, mas de forma muito sutil.

Paralelamente a isso, na frente da tela por mais tempo e vendo tanta gente “perfeita”, comecei a perceber mais atentamente o meu envelhecimento facial, com o aparecimento dos sinais da idade e a perceber mais a florado o impulso de utilizar filtros de modificação nas minhas interações virtuais. E mesmo que eu não chegasse ao ponto de postar as fotos utilizando os filtros, eu ensaiava o uso desses mecanismos e, quando voltava ao meu rosto natural, percebia aumentada a minha insatisfação

pela presença dos sinais de envelhecimento no meu rosto. Ato seguido, me pegava buscando na internet, procedimentos para corrigir esses sinais.

As questões abordadas nos capítulos anteriores sempre fizeram parte das minhas reflexões, porque o “problema” do envelhecimento feminino é assunto presente em qualquer roda de conversa de mulheres (mas não somente) e, normalmente, em tom depreciativo ou jocoso. E embora eu mesma fizesse piada com o fato de envelhecer, me incomodava ouvir esse discurso anti-idade, mas que eu ainda não compreendia fazer parte de um sistema de controle dos nossos corpos.

Volto à introdução deste trabalho e à minha relação antagônica com o Instagram. Ao mesmo tempo que a rede destacava o meu envelhecimento, também me serviu como motor inicial para ter um olhar mais crítico sobre as razões que me fazem sentir insatisfação com a minha aparência. E foi no confinamento da pandemia de Covid-19, que nasceu o embrião do que depois se tornaria a série “Estratégias de sobrevivência” e que no retorno às aulas eu desenvolveria na Disciplina de Performance I, com a orientação da Professora Dra. Gabriela Canale Miola.

Figura 3 - Primeira postagem no Instagram



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_NJURHFwM0/

Ainda estávamos sob restrição sanitária quando compartilhei, ainda no meu perfil pessoal, a primeira fotorperformance que fiz utilizando um filtro de barro cobrindo meu rosto (figura 3). Ela foi feita em casa e pretendia não só destacar, de maneira

bem-humorada, o uso excessivo dos filtros tecnológicos que alteram a aparência, mas também abordar a “performatização de si” (MONTARDO; ALVES, 2023. p. 354) que acontece nas *selfies* dos *stories* da rede social. Abaixo, na figura 4, a fotoperformance que deu origem à postagem.

Figura 4 - Primeira fotoperformance da série “Estratégias de sobrevivência”



Fonte: arquivo pessoal

Voltando às aulas no primeiro semestre de retorno presencial das atividades acadêmicas, em 2022, dentre a bibliografia básica e complementar nos estudos da Performance, a docente trouxe uma proposta de trabalho prático e sugestões de leituras que abordavam o autocuidado, como o *Pequeno Manual de Autocuidado para Corpos Esgotados*, de Danilo Patzdorf (PATZDORF, 2022), muito longe do

autocuidado que tratei no capítulo três e que o Instagram tenta nos vender. Era um convite para observarmos de forma aprofundada e cuidadosa os nossos corpos e processos individuais e investigarmos como esses processos se relacionavam com a nossa produção artística. Como citado no capítulo três, o manual apresenta os tipos de corpos produzidos pelo sistema neoliberal e oferece alternativas para cuidarmos desses corpos esgotados, o que na ocasião, era muito bem-vindo, já que vínhamos de um processo de cansaço mental, medo da morte e do futuro incerto que a pandemia de Covid-19 causou.

Além desse autocuidado, um dos trabalhos propunha que apresentássemos a nossas/os colegas, um/a artista ou obra de interesse e, que, para isso, fôssemos além de nomes estabelecidos e buscássemos referências cujos trabalhos se aproximassem do que estávamos desenvolvendo ou o que gostaríamos de desenvolver na disciplina.

Cito aqui algumas referências que tratam de questões relacionadas à identidade e o lugar da mulher na sociedade a partir do olhar do outro.

Começo com Cindy Sherman, uma fotógrafa e artista norte-americana, com seus autorretratos conceituais que manipulam a sua própria imagem. Inicialmente sem o aparato tecnológico que dispomos hoje e que de forma analógica chamava a atenção para a relação entre o que é real e o que está sendo visto naquele pequeno recorte fotográfico. Já no Instagram, Sherman também passou a utilizar as ferramentas de inteligência artificial para manipular seus retratos. A artista foi influenciada por Suzy Lake, que aparece como pioneira na prática da fotoperformance, utilizada para criticar os estereótipos da publicidade direcionada ao público feminino (VINHOSA, 2014. p.6).

Ligada à geração conhecida como “*Pictures*”³, Sherman trabalha com releituras de suas imagens alterando-as para abordar temas como a construção da identidade de gênero e sugere que identidade é a alternância permanente entre estereótipos diversos. A maneira como Sherman explora o campo da fotografia para tratar esses temas, se aproximava das minhas inquietações como artista que performa socialmente o gênero mulher.

³ Movimento conhecido como *Pictures Generation* (Geração da imagem), que começou a se organizar nos anos 1970 na cena novaiorquina por artistas que trabalhavam com a ideia da apropriação de imagens, objetos, estéticas e ideias da cultura popular e dos meios de comunicação em massa. Estes artistas revisitam numerosos artistas históricos que os precederam – como Marcel Duchamp e Andy Warhol –, tanto na reivindicação do objeto cotidiano como na problematização da propriedade intelectual da autoria, questionando os conceitos de originalidade e a definição tradicional de arte.

Figura 5 - Cindy Sherman



Fonte: <https://awomensting.org/blog/cindy-sherman/>

Figura 6 - Cindy Sherman no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/cindysherman/>

A segunda referência muito significativa na construção do meu trabalho final para a disciplina de Performance I e que eu apresentei aos/as meus/minhas colegas de turma, foi a autointitulada heroína antiselfie Miss Beige.

Alter ego da atriz Ana Esmith (ou Ana Gallego), Miss Beige usa o espaço público, de forma disruptiva, performática e bem-humorada para provocar reflexões sobre gênero e identidade, em especial a ausência de heroínas que não sejam

sexualizadas ou objetificadas. Seu figurino é todo bege (vestido, sapatos, cinto e bolsa, com um martelo dentro), como crítica aos diversos filtros e mecanismos utilizados pelos aplicativos de imagem que tem o propósito de modificar a aparência e/ou sexualizar. Para ela, essa imagem “sem graça” pode destruir qualquer vaidade à sua volta e, com isso, provocar reflexão sobre os excessos que a ditadura da beleza impõe sobre as mulheres.

Figura 7 - Miss Beige no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CuMq6kxqm3U/>

Além dos temas citados dialogarem diretamente com minhas pesquisas sobre performatividade feminina, suas performances públicas, de caráter disruptivo refletem as discussões que tivemos em sala sobre performance no cotidiano (SCHECHNER, 2003), que rompe o dia a dia e o corpo automatizado pelo sistema neoliberal e que me interessava como referência de trabalho artístico para a disciplina.

Figura 8 - Performance pública de Miss Beige



Fonte: https://www.instagram.com/p/CiuWioCjgsl/?img_index=3

Figura 9 - Convite para participação em performance pública

“¡Se nota, se siente, el beige es incluyente!”
 ///PERFORMANCE ART PARTICIPATIVO 60' info
para participar
Miss Beige - España.
Vara del Rey, Eivissa | 19:00h
 Itinerante: Vara del Rey - La Marina - Baluarte Sant Pere, Eivissa
 Ven y participa en Territori. Miss Beige te propone tomar la isla de Ibiza como alter egos de ella misma. Una convocatoria abierta al público en la que la única regla será que vengas vestido/a íntegramente de beige y llevar un martillo. Miss Beige te invita a expresar tu propia visión del concepto: la reflexión sobre el espacio que existe entre lo que somos y la imagen de aquello que se supone que somos.

Fonte: https://www.instagram.com/p/CiuWioCjgsl/?img_index=2

Embora com abordagens bastante distintas, ambos os trabalhos elaboram questões acerca do medo da rejeição e como ele pode nos levar à manipulação, se

isso nos proporciona alguma aceitação social. Essa é a essência central da Parte 1 da fotoperformance “Estratégias de sobrevivência”.

O trabalho não pretende criticar o indivíduo, mas o sistema capitalista que se aproveita das suas fragilidades para vender “soluções” de adequação. Ao mesmo tempo que busco chamar a atenção desse indivíduo para as armadilhas colocadas à sua disposição, cujos objetivos estão menos ligados ao seu bem-estar e mais ao lucro de grupos econômicos e grandes corporações, não levando em consideração o adoecimento mental e físico a que muitas pessoas têm sido acometidas.

As fotoperformances produzidas pretendem mostrar a centralidade que a manipulação das imagens pelos filtros do Instagram assumiu no nosso dia a dia, levando pessoas a desenvolverem transtornos mentais ligados à dificuldade de autoaceitação. Um propósito secundário é destacar o excesso de imagens as quais somos submetidas durante todo o tempo em que estamos acordadas, em um *feed* infinito e preparado para capturar toda a nossa atenção e converter em consumo. Há quem diga que logo estaremos sujeitas a essa captura durante o sono, ou mesmo que o sono, esse “problema”, será vencido em breve, num modelo de sociedade 24/7 (CRARY, 2016. p. 19).

4.1 ESTRATÉGIA COMO SAÍDA

Não é novidade que reflexões sobre gênero e identidade feminina fazem parte das práticas artísticas performativas e, a fotoperformance, representou um caminho natural para desenvolver este trabalho, quer pela relação sujeito-objeto ou pela possibilidade de autonomia do auto registro (que mais tarde demonstrou não ser tão autônomo) mas especialmente pela emancipação do corpo artístico do corpo cotidiano, condicionado à repetição diária dos rituais de aparência.

Considerando técnicas recorrentes de fotoperformance ao longo da sua história de experimentações: colagem, montagem e *mise-em-scène* (VINHOSA, 2014. p. 7), a última me interessava mais do ponto de vista estético e do resultado visual que eu pretendia ter com o trabalho. Vinhosa diz que a *mise-em-scène* coloca o/a performer em uma relação frontal e direta para a câmera, em ações que resultem em imagens fortes e expressivas, dando ênfase na potência de uma imagem única que cause impacto. Essa era a minha busca.

E por que chamar a fotoperformance de “Estratégias de sobrevivência”? Por definição e etimologicamente, a palavra “estratégia”, está ligada às ações militares, como sendo o planejamento e ações realizadas para conduzir uma guerra ou a defesa do Estado. Ou, mais extensamente, “a arte de utilizar planejadamente os recursos de que se dispõe ou de explorar de maneira vantajosa a situação ou as condições favoráveis de que porventura se desfrute, de modo a atingir determinados objetivos” (GRAMÁTICA, 2021)⁴.

No prefácio do livro *Antropologia e performance* (2013) Diana Taylor, no texto *Traduzindo Performance* nos diz que artistas adotam os mais diversos termos para classificarem suas intervenções na esfera pública: performance, ativismo, ação, *acciones*, *live art*, com ênfases distintas, mas mantendo a característica da expressão pública e da efemeridade da ação. Destaca-se, contudo, a fluidez e a flexibilidade da cena artística contemporânea em que esses termos estão inseridos, em especial a performance, uma linguagem utilizada por diferentes campos de estudo e que, na arte, está em constante transformação. Ademais, a diversidade de termos e a interconexão entre eles, como o questionamento de questões culturais ou sociais, indicam como o campo é dinâmico e promovedor de reflexões, debates e mudanças.

Adotar a palavra “estratégia” como título do meu trabalho, é propor uma nova terminologia para expressar artisticamente, as questões sociais e culturais que me inquietam. A escolha tece um paralelo entre a origem militar da palavra e a adoção de táticas contemporâneas de defesa e sobrevivência em um sistema, que embora cada vez mais questionado na esfera pública, ainda produz, no íntimo, insatisfação e adoecimento mental, quando não, deformidades e mortes de mulheres que se submetem a todo tipo de procedimentos estéticos, com o objetivo de barrar o processo de envelhecimento e se conformarem aos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade.

Compreendido o campo e o conceito, concentrei-me, então, em produzir fotografias em diversos locais da cidade de Florianópolis, colocando-me em situações comuns às pessoas, como, por exemplo, tomar sol na praia, visitar uma exposição de arte, passear por espaços públicos e outras situações corriqueiras. O “programa

⁴ ESTRATÉGIA. In: GRAMÁTICA. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-estrategia/>. Acesso em 02.nov.2023

performativo”⁵ (FABIÃO, 2013) era simples, porém fundamental: utilizando roupas do dia a dia, eu escolhia um local aleatório na cidade onde eu estivesse naquele momento, me posicionava de pé, com o filtro de barro em frente ao meu rosto e o registro, então, era feito. Normalmente eu escolhia o local e deixava o espaço “falar” comigo e assim decidir onde exatamente eu faria a foto, qual o fundo mais interessante e se o registro seria feito quando eu estivesse sozinha ou na presença de outras pessoas.

O propósito inicial era criar imagens em número suficiente para apresentar como trabalho final da disciplina, mas também que elas pudessem se converter em conteúdo para o Instagram, refletindo “comportamentos restaurados” (SCHECNER, 2003. p. 27) comum entre pessoas que mantêm um perfil ativo nessa rede social.

Criei, então, o perfil @eu_mimetica (https://www.instagram.com/eu_mimetica/), que seria o suporte de apresentação das criações. O nome do perfil faz uma referência à cópia (mimese) como instrumento para explorar as representações da realidade presentes no Instagram, as dinâmicas de relação na rede social e os ideais estéticos difundidos no ambiente virtual.

Publiquei a primeira foto com uma legenda que tentava acompanhar o padrão de frases curtas e “de efeito” comuns na rede. Na figura a seguir (10), por exemplo, o título “banho de sol”, não apenas documenta uma ação rotineira para pessoas que moram em uma cidade litorânea, mas também sugere uma associação com um certo tipo de aprisionamento, fenômeno provocado pela dinâmica das redes sociais. O exemplo busca ilustrar a capacidade da legenda em ultrapassar, em conjunto com a imagem, a superfície da representação, chamando à reflexão sobre o que está além daquele recorte que vemos nas postagens da rede social.

⁵ “o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio (idem, 2013. p. 4)

Figura 10 - Banho de sol⁶

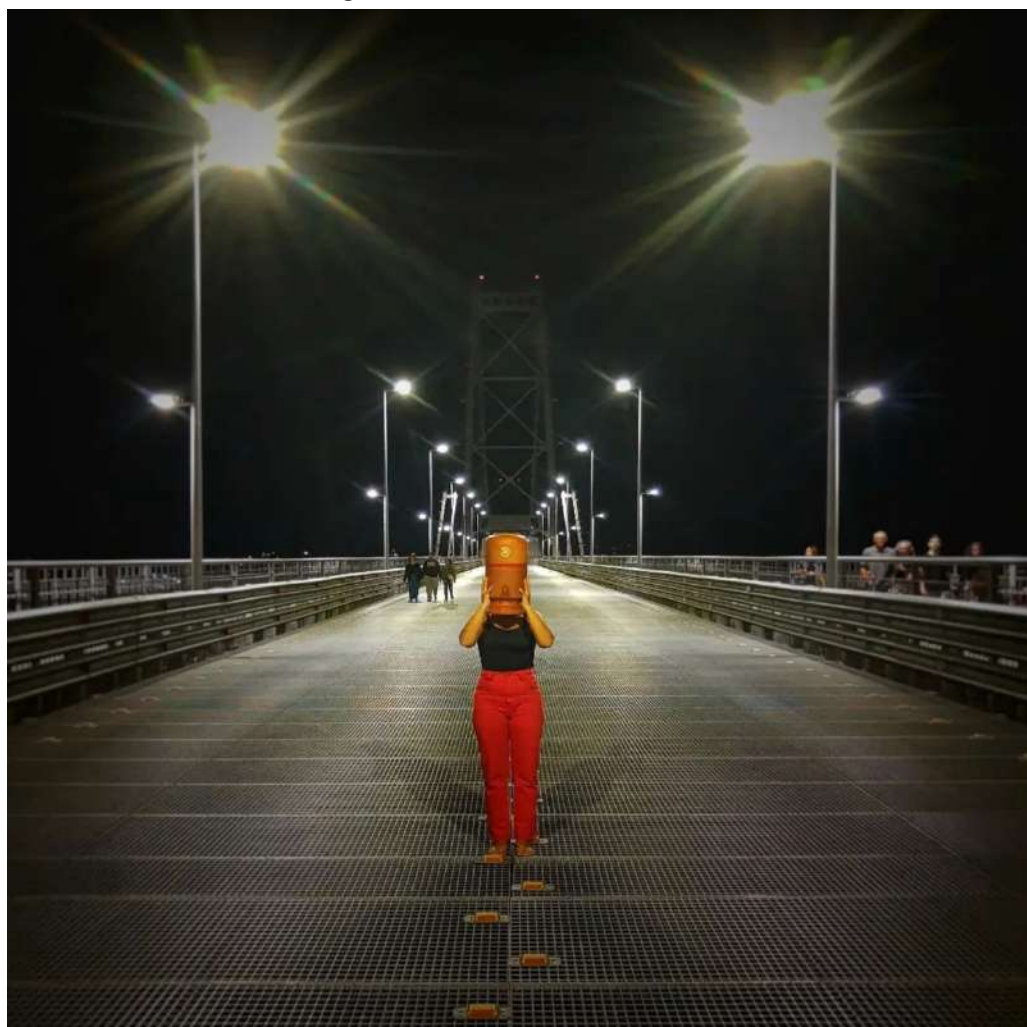
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CgMNDIVuOfj/>

⁶ Fotoperformance realizada na Praia do Campeche, em Florianópolis, SC

No decorrer do semestre, surgiu a oportunidade de apresentarmos os trabalhos finais da disciplina em uma exposição coletiva na Galeria Pedro Paulo Vecchietti, localizada no centro de Florianópolis. Além da exibição, a professora Gabriela propôs que colaborássemos na produção e divulgação da mostra, o que possibilitou que eu experimentasse não somente a criação como artista, mas também a organização e montagem das obras das colegas da minha turma, proporcionando-me uma outra perspectiva sobre os processos envolvidos em uma exposição artística.

Paralelamente aos trabalhos de produção e divulgação, criei diversas fotoperformances para serem exibidas na exposição. Apresento, a seguir, dois dos registros produzidas para exibição na mostra (figuras 11 e 12):

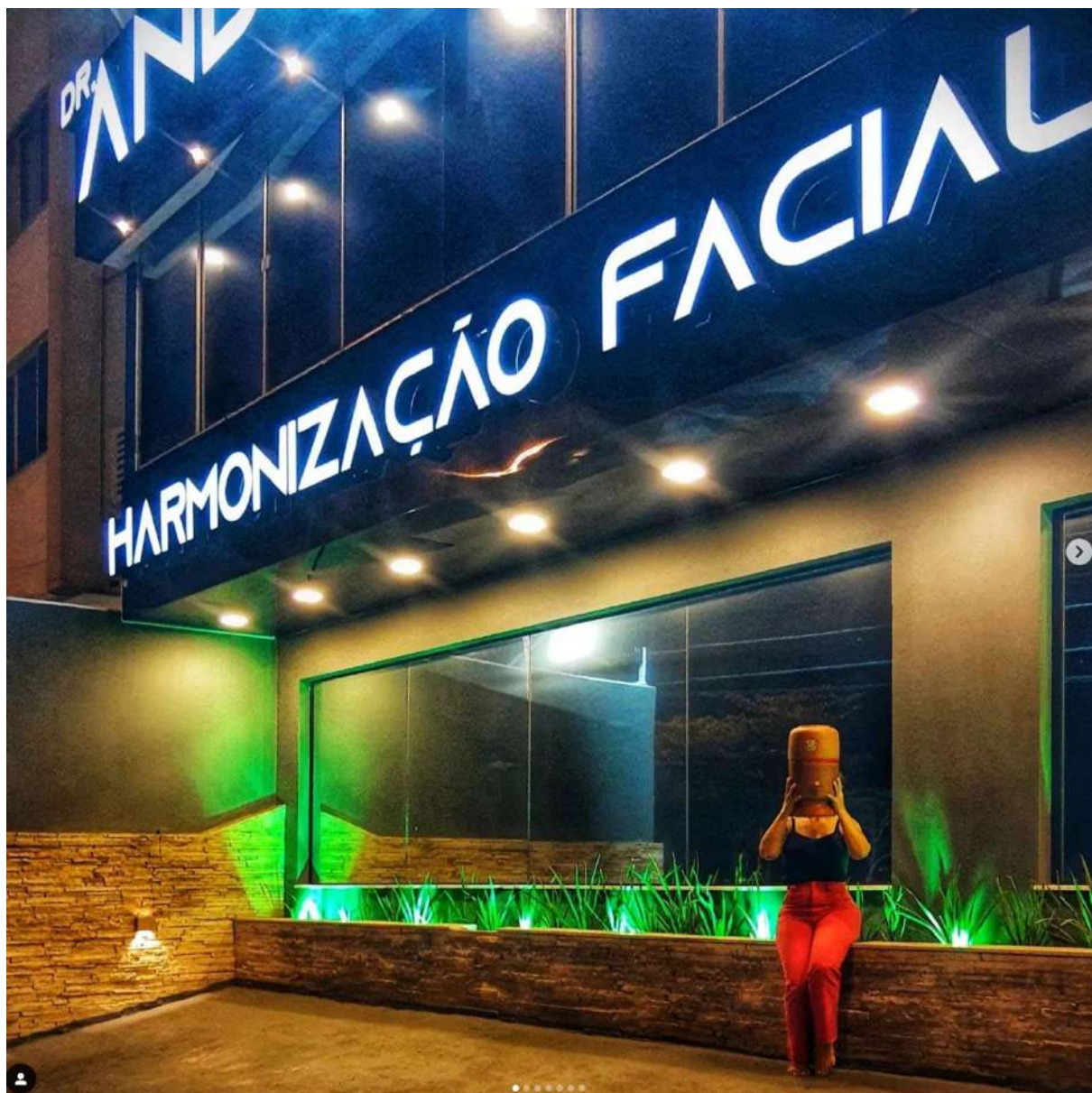
Figura 11 - Bonita de rosto⁷



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CgemSbPMvlh/>

⁷ Fotoperformance realizada na Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, SC

Figura 12 - A beleza é um negócio e bem lucrativo⁸



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cr8fVuoOXqX/?img_index=1

A mostra teve abertura no dia 19 de julho de 2022 e visitação entre os dias 20 e 26 de julho do mesmo ano. A figura a seguir (13) mostra o material produzido para divulgação online da exposição.

⁸ Fotoperformance realizada em frente à uma clínica de harmonização facial, em Florianópolis, SC

Figura 13 - Frente e verso do cartaz de divulgação da II Mostra de Performance e Novas Mídias



Fonte: arquivo pessoal

Posto que o trabalho pretendia dar destaque ao uso de mecanismos de autoengano, como os filtros de aparência em fotos nas redes sociais, e à centralidade das imagens na vida contemporânea, escolhi apresentar as fotoperformances produzidas simulando um *feed* de Instagram. Não me interessava trazer muitas camadas de interpretação na exibição do trabalho, já que a fotoperformance em si, sustentava um discurso autônomo (KRAUSS apud VINHOSA, 2014. p. 2) e trazia em destaque um objeto que traçava alguns paralelos, além do próprio nome, com os filtros da rede social, como a modificação do conteúdo a ser consumido, por exemplo.

Optei por manter o filtro de barro como instalação, junto às imagens. Na abertura da exposição, tive a oportunidade de conversar com alguns visitantes e a maioria relatou uma identificação imediata com a proposta do trabalho. No entanto, colegas de turma expressaram interpretações distintas, associando a proposta a conceitos como ancestralidade ou que o trabalho estivesse fazendo uma crítica ao turismo em Florianópolis, porque algumas imagens foram feitas em pontos turísticos

da cidade. As diversas interpretações chamaram a atenção para a complexidade da experiência artística e como diferentes perspectivas de compreensão são possíveis numa obra de arte.

A mostra ficou em exibição durante seis dias na Galeria Pedro Paulo Vecchietti, em horário comercial, o que impossibilitou que eu acompanhasse as visitas e pudesse colher outros relatos dos/as visitantes, mas a experiência da exposição pública do trabalho me deu a oportunidade de vivenciar parte da interação espontânea do público com as obras, permitindo que eu tivesse acesso às suas percepções de forma genuína e imediata.

Figura 14 - Exibição da fotoperformance Estratégias de Sobrevivência. Parte 1: embelezamento na II Mostra de Performance e Novas Mídias



Fonte: arquivo pessoal

Figura 15 - Performando na Mostra



Fonte: arquivo pessoal

Figura 16 - Público visitante da Mostra



Fonte: arquivo pessoal

Encerrado o período de exibição da mostra, compartilhei alguns dos meus trabalhos no perfil do Instagram. Produzi diversas fotoperformances, embora nem todas tenham sido publicadas. Nesse período, porém, compreendi que a autonomia que eu esperava ter com o suporte da fotoperformance não seria possível nesse projeto específico, utilizando um filtro de barro. O objeto é bastante pesado e eu sempre precisava da colaboração de alguém para ajustá-lo em frente ao meu rosto e

fazer o registro. Considerei a possibilidade de criar uma máscara que pudesse substituir o filtro. No entanto, pairava o receio de que isso me conduzisse para uma representação, o que me distanciaria da performance, como sugere Eleonora Fabião (2013) e segui com o programa performativo originalmente elaborado.

Figura 17 - Você pode olhar todas as minhas fotos e mesmo assim sair daqui sem me conhecer⁹



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChUyfZWrCfY/>

⁹ Fotoperformance realizada na Praia do Rosa, em Imbituba, SC

Figura 18 - Elástica¹⁰

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Co-gzUmOnXc/>

¹⁰ Fotoperformance realizada na Passarela Nêgo Quirido/Centro Sul, em Florianópolis, SC

Figura 19 – “Minha mãe, minha avó. E antes delas minha tataravó. E antes delas um milhão de gerações distantes dentro de mim”¹¹



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cpkufp-OA00/>

A falta de autonomia em fazer os registros e o desejo de continuar produzindo as imagens, inclusive em outras cidades que demandavam um deslocamento maior e uma logística mais complexa, me fizeram voltar a considerar a criação de uma máscara de filtro. Após algumas leituras e conversas com a professora Gabriela, que à época já havia se tornado minha orientadora no TCC, entendi que seria possível

¹¹ Fotoperformance realizada na Lagoa do Peri, em Florianópolis, SC

manter o programa performativo e a manutenção do corpo performático mesmo abandonando, nesses contextos específicos, o objeto original.

Criei, então, uma máscara de papel com a foto do filtro, esperando que ela facilitasse o deslocamento e a realização da ação mais acessíveis e permitindo que eu tivesse as mãos livres para, inclusive, fazer *selfies*. A máscara foi feita utilizando uma foto de alta qualidade nas mesmas medidas que o filtro original e impressa em papel fotográfico.

Realizei alguns testes e percebi que para o propósito final, qual seja, produzir imagens com potência visual e expressivas (VINHOSA,2014), a máscara cumpriu a função inicial, embora a experiência como artista ao executar a ação tenha sido modificada. Realizar o protocolo da fotoperformance com o filtro de barro conferia uma corporalidade relacional que era mais difícil alcançar com a máscara. A ação tornou-se um pouco mais transitória (sem entrar, aqui, nas discussões sobre a natureza efêmera da performance) e a sensação de presença ficou menos intensa. Mas como a essência da proposta era a *mise-em-scène*, realizando a ação para a câmera e não para um público presente, fiquei satisfeita com a potência das imagens produzidas e, inclusive, com as reações causadas em algumas pessoas que passavam no momento do registro.

Figura 20 - Máscara de filtro



Fonte: arquivo pessoal

Entre julho e agosto de 2023 fiz uma viagem ao exterior e pude repetir o programa performativo utilizando a máscara de filtro em, ao menos, três cidades e países diferentes: Madrid (Espanha), Lisboa (Portugal) e Amsterdam (Holanda). A algumas fotos feitas nessas cidades podem ser vistas nas figuras 21 a 24.

Figura 21 - Dia mundial da fotografia (com filtro)¹²



Fonte: arquivo pessoal

¹² Fotoperformance realizada em uma galeria vazia do Museu Reina Sofía (Palácio de Velázquez), em Madrid, Espanha.

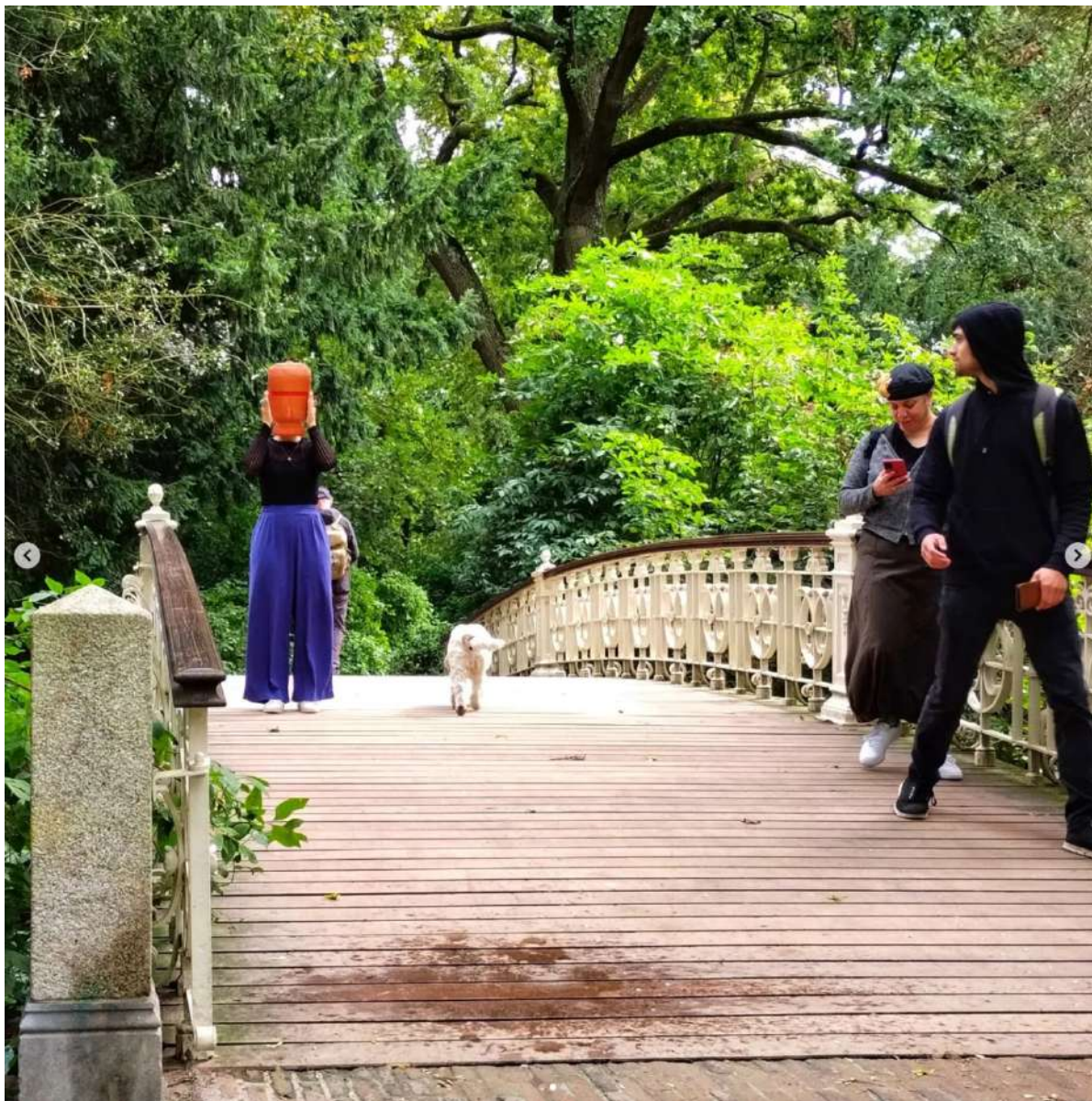
Figura 22 - Tentando (e falhando) conservar o frescor dos 20 anos com as maravilhas da tecnologia moderna¹³



Fonte: https://www.instagram.com/p/CwX4FqbuNgN/?img_index=1

¹³ Fotoperformance realizada na estação de metrô Rossio, em Lisboa, Portugal.

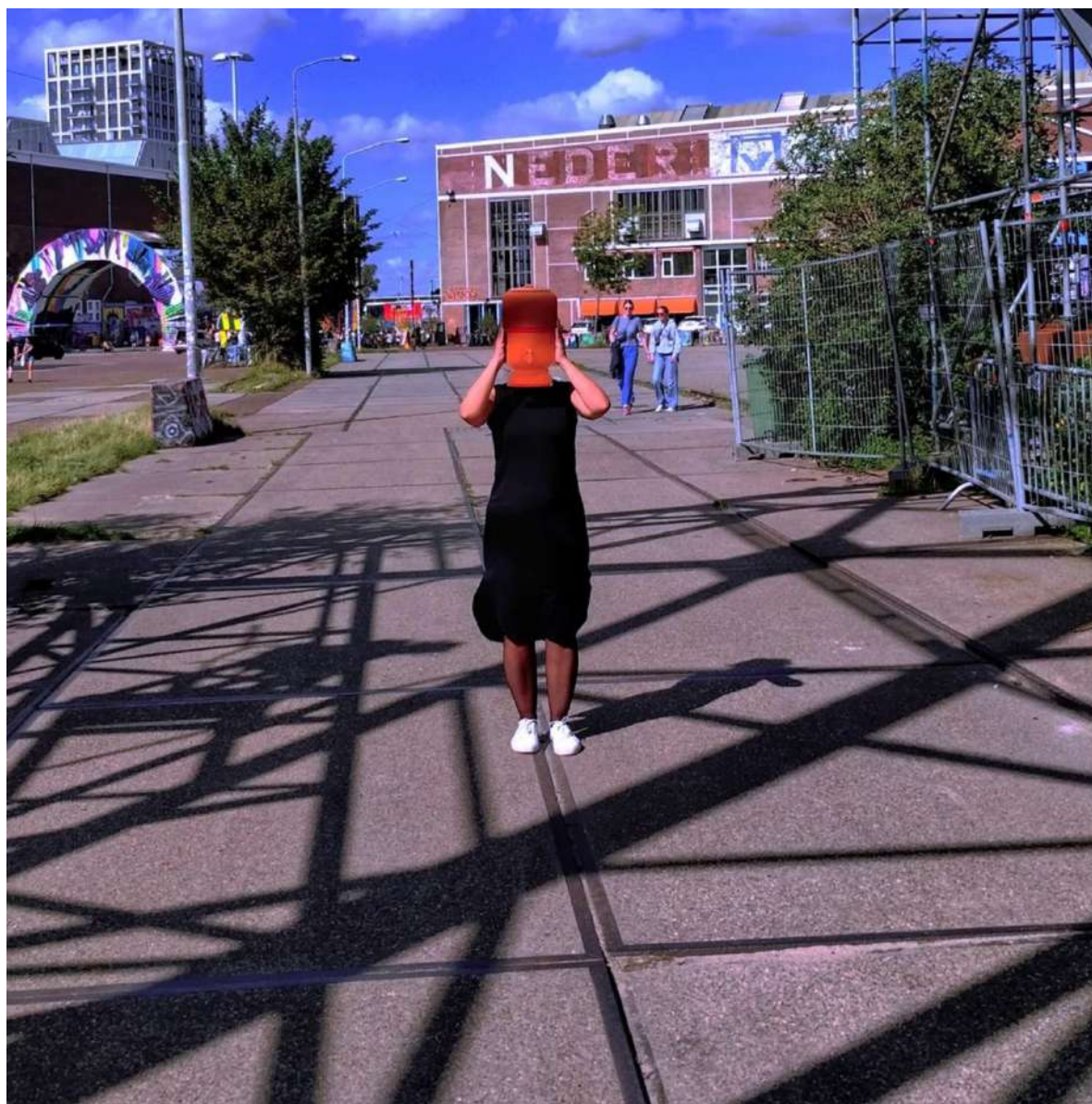
Figura 23 - Mulher tem que se cuidar senão não chama a atenção dos homens¹⁴



Fonte: https://www.instagram.com/p/CwivFuEPTJf/?img_index=2

¹⁴ Fotoperformance realizada no Parque Vondelpark, em Amsterdam, Holanda.

Figura 24 - Adoro lugares onde eu posso ser eu mesma¹⁵



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CwpwHPluGCx/>

¹⁵ Fotoperformance realizada em frente à Galeria NDSM, em Amsterdam, Holanda

Figura 25 - Perfil no Instagram @eu_mimética

Instagram

eu_mimetica Seguindo Enviar mensagem

20 publicações 117 seguidores 64 seguindo

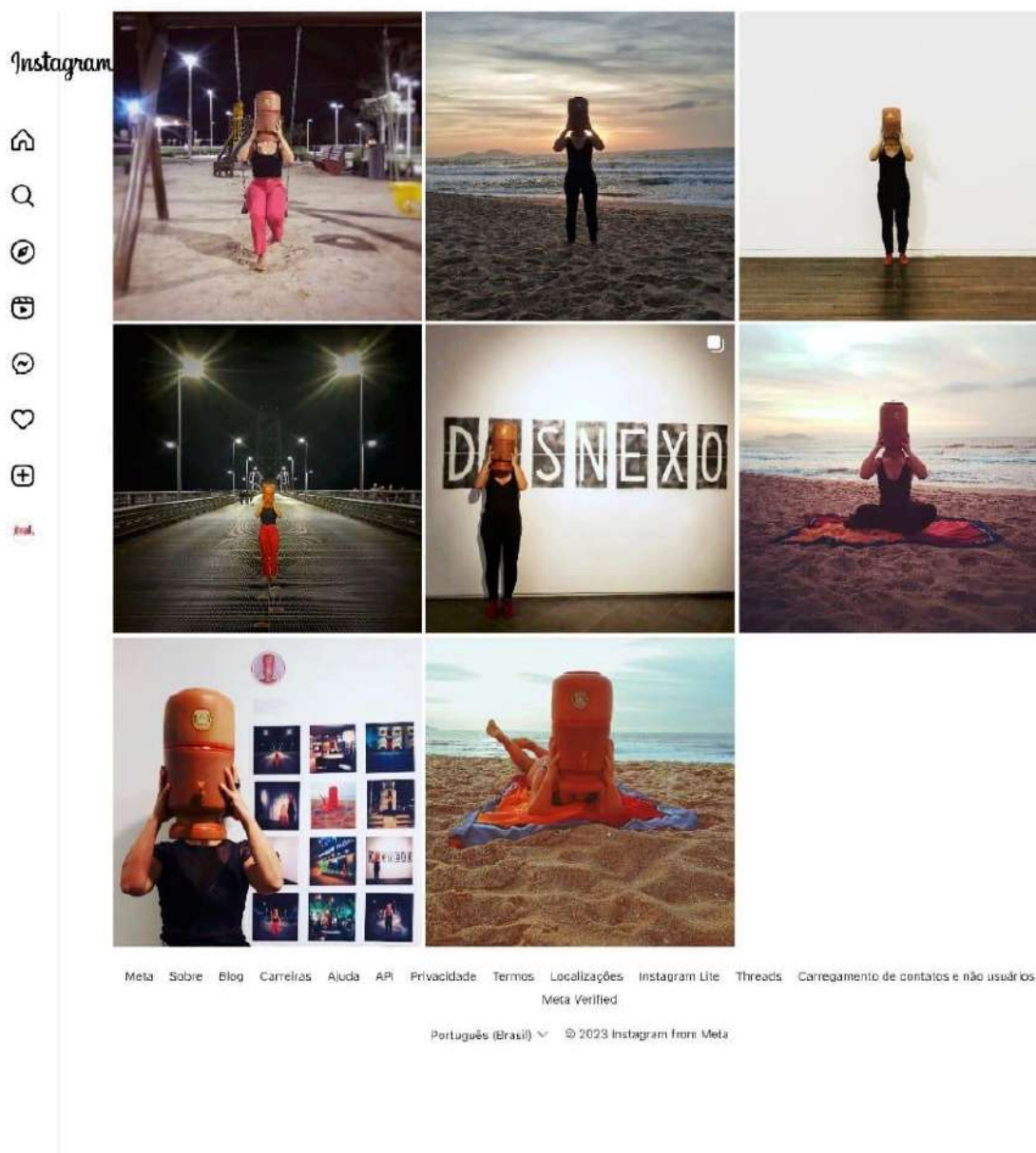
Alé-górica
Artista
[Estratégias de sobrevivência, parte. 1: embelezamento por @logoeualeabreu
Seguido(a) por siamesetwin, benteribeiro, admarluz e outras 14 pessoas

PUBLICAÇÕES REELS MARCADOS

PELA ÚNICA JOGADA...
LANTARNA DE CRIANÇA
PELA FRENTE DO
RETIRO...
COM O OBJETIVO DE
RETOCAR A PINTURA DO SEU
DRETO E SE REALIZAR
COM A AJUDA DE DEUS.

Fonte: https://www.instagram.com/eu_mimetica/

Figura 26 - Perfil no Instagram @eu_mimetica (conclusão)



Fonte: https://www.instagram.com/eu_mimetica/

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou o memorial descritivo do processo de criação, da concepção à exibição pública, da fotoperformance “Estratégias de Sobrevivência. Parte 1: embelezamento”. Na criação do pré-projeto e, mais recentemente no processo de escrita do TCC, senti a necessidade de traçar um panorama geral das razões sociais e culturais que me levaram a desenvolver o trabalho. Por essa razão

descrevo a criação artística somente no último capítulo, em uma formulação subjetiva que o mais importante vem por último, para fique mais profundamente registrado na memória e porque a criação é, para mim, uma estratégia íntima e pessoal de sobrevivência e de conexão. Peço emprestada da artista cubana Ana Mendieta o aforismo: “A arte é a forma pela qual restabeleço minhas ligações com o universo.”

Busquei referências que dessem sustentação ao que eu percebia no corpo. Os resultados da pesquisa bibliográfica reforçaram que tanto do ponto de vista do campo artístico escolhido, (a fotoperformance), quanto dos temas tratados (o uso de filtros tecnológicos e o envelhecimento de mulheres), estavam alinhados com um discurso político de controle de corpos que preenche meu imaginário desde sempre, mas que foi potencializado na pandemia de Covid-19.

Realizei entrevistas informais com algumas mulheres sobre o impacto desse discurso antienvelhecimento em suas vidas e, de alguma maneira e ainda que adjacente, percebi que o tema permeia as preocupações cotidianas dessas mulheres.

A minha inquietação matriz foi atravessada por essas inquietações filiais. Ouvi relatos sinceros e legítimos sobre como algumas dessas mulheres se sentiam perdidas e adotavam comportamentos alheios às suas naturezas, quando se percebiam envelhecendo. Conectei-me a elas para compreender que a pressão estética atinge à todas, mesmo que essa inquietação não assuma uma forma crítica e consciente. A similaridade e a aproximação das narrativas fortificaram em mim a ideia de que não estamos loucas. Existe um sistema social e econômico trafegando na via principal e ferramentas e modos de controle dando suporte no acostamento, para que mulheres sintam-se impelidas a achar que a estrada do envelhecimento natural não é um caminho a ser percorrido.

No desenvolvimento do texto, que sucedeu a criação artística e no estudo dos temas que compõem este trabalho de conclusão de curso, uma enxurrada de anúncios de procedimentos estéticos, discursos anti-idade e métodos para barrar o envelhecimento, inundaram meu perfil do Instagram e me deparei com diversas contradições. Considerei até razoável a hipótese de fazer um tal “gerenciamento do envelhecimento”, um tipo de prevenção anti-idade que alguns perfis de dermatologistas ou esteticistas no Instagram sugerem que mulheres adotem desde jovens.

Mas a pesquisa me possibilitou uma visão mais crítica sobre como opera a indústria da beleza e como essas ferramentas, tecnológicas ou não, e o discurso anti-

idade, quando não estão estimulando o consumo, estão colocando a vida de pessoas em risco ou servindo somente como mecanismos de autoengano e frustração. O que aprendi no trajeto teórico-prático me fortaleceu enquanto indivíduo, mas desejo que contribua para o fortalecimento de outras mulheres que forem atravessadas pelas fotoperformances produzidas.

Finalizo este trabalho, percebendo em mim um profundo desejo de ampliar os estudos e as múltiplas formas de expressão artística que o campo da performance oferece, dando sequência à investigação sobre outras estratégias adotadas para a sobrevivência em uma sociedade que trabalha para controlar os nossos corpos. Concluo convicta de que o tema me escolheu e não o contrário, já que o resultado está gravado na minha pele, notadamente um pouco mais envelhecida que no início deste percurso. Sorte a minha, estou viva!

REFERÊNCIAS

O Assunto: A cultura da busca pelo corpo perfeito. Entrevistada: Joana Novaes. Entrevistadora: Natuza Nery. [S.l.]: G1, 09.nov.2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/747SN8nhIAmVMvzDyGiqvA?si=f1eqC5KPTxOKp1ZDnniegw&nd=1>. Acesso em 10.nov.2023

A mais recente pesquisa global da ISAPS demonstra aumento significativo em cirurgias estéticas em todo o mundo. 2023. Disponível em: <https://www.isaps.org/media/hdmi0del/2021-global-survey-press-release-portuguese-latam.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

As fotografias que desafiam padrões e identidades da artista Cindy Sherman. 2022. Disponível em <https://blog.artsoul.com.br/as-fotografias-que-desafiam-padroes-e-identidades-da-artista-cindy-sherman/>. Acesso em 23.ago.2023

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.** In: Theatre Journal, Vol. 40, No. 4, (Dec., 1988), p. 519-531. Cadernos de leituras. Disponível em <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>. Acesso em 27.ago.2023.

Cindy Sherman, Richard Prince. Colección Astrup Fearnley. 2018. Disponível em <https://www.artequaeacontece.com.br/cindy-sherman-richard-prince-coleccion-astrup-fearnley/>. Acesso em 10.set.2023.

Coded Bias. Direção: Shalini Kantayya. Produção: Shalini Kantayya. (85 min). Local: EUA Produtoras: *7th Empire Media, Chicken & Egg Pictures, Ford Foundation – Just Filmes*, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=code&jbv=81328723>. Acesso em 30.out.2023

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Ubu Editora, 2016. Tradução de Joaquim Toledo.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Lisboa: Edições Antipáticas, 2005. Tradução: Francisco Alves e Afonso Monteiro.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

Envelhecimento e desigualdades raciais. 2023. Disponível em: <https://cebrap.org.br/envelhecimento-de-desigualdades-raciais/>. Acesso em 01.out.2023

Estratégia. In: GRAMÁTICA. 2021. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-estrategia/>. Acesso em 02.nov.2023

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: O corpo-em-experiência.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista do Lume, n. 4, 2013.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”.** DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, 2017. DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819>. Acesso em 01.out. 2023.

GATTI, Fábio. **A formação da obra de arte como pesquisa: formatividade e metodologia em processos criativos.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.8, n.15: mai.2018. Disponível em <https://eba.ufmg.br/revistapos>. Acesso em 07.set.2023.

IAMARINDO, Átila. **Como o Instagram distorce a realidade.** Youtube, 16 jan. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WzQCW5TO3oM&ab_channel=Atilalamarino Acesso em 26.out.2023

Influenciadora viciada em cirurgia gasta mais de R\$ 100 mil para se tornar um “filtro do Instagram”. 2022. Disponível em <https://www.metroworldnews.com.br/social/2022/06/11/influenciadora-viciada-em-cirurgia-gasta-mais-de-r-100-mil-para-se-tornar-um-filtro-do-instagram>. Acesso em 21.ago.2023

Miss Beige, heroína antiselfie. <https://mujeresmirandomujeres.com/miss-beige-emma-trinidad/>. Disponível em Acesso em 12/set/2023

Miss Beige. Perfil do Instagram. Disponível em https://www.instagram.com/miss__beige/. Acesso em 12.set.2023

MONTARDO, Sandra Portella; PRODANOV, Laura Schemes. **Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataformização da beleza. Logos,** [S.l.], v. 28, n. 2, maio 2022. ISSN 1982-2391. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/60900/42197>. Acesso em 21 ago. 2023.

MONTARDO, S. P.; ALVES, M. **Configuração de performance no Instagram stories com selfies: análise de usos.** Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 22, n. 48, 2023. DOI: 10.5902/2175497765927. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65927/61005>. Acesso em 3.out. 2023.

MOREIRA, Marília Diógenes. **O sonho da eterna beleza: corpo feminino e o discurso anti-idade na publicidade de cosméticos.** 2021. Dissertação de Mestrado.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46549>. Acesso em 03.out.2022.

Os filtros do Instagram estão mudando a nossa aparência na vida real? Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais-2>. Acesso em 21.ago.2023

PATZDORF, Danilo. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados.** Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-26092022-105051/publico/DaniloPatzdorfCasarideOliveira.pdf> Acesso em 03.nov.2023

Por que os filtros de imagem viraram febre na internet? 2020. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/revista-do-correio/2020/12/4893192-por-que-os-filtros-de-imagem-viraram-febre-na-internet.html>. Acesso em 03.out.2023

Seus joelhos denunciam a idade? 2021. Disponível em https://www.instagram.com/p/CVd1BF1pTAA/?img_index=1 Acesso em 28.set.2023

SCHECNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 11, p. 24-50, dez. 2003

SIQUEIRA, Ranyella Cristina de. **Os estereótipos de papéis de gênero feminino nos retratos das influenciadoras digitais no Instagram e a arte de Cindy Sherman.** 2019.

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/e83f6d08-1ad1-49e6-8f22-18222e9093dd/content>. Acesso em 10.set.2023

TAYLOR, Diana. **Traduzindo performance.** Disponível em https://books.google.com.br/books?id=wyiODwAAQBAJ&pg=PA11&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false. Acesso em 03.out.2023

Um corpo não é só um corpo. Instagram. Florianópolis, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CtMXoDKuKdS/?img_index=2. Acesso em 02.nov.2023

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v5n1/06.pdf>. Acesso em 12.mar. 2023.

VINHOSA, Luciano. **Fotoperformance – passos titubeantes de uma linguagem em emancipação.** Disponível em <https://anpap.org.br/anais/2014/simposios/simposio08/Luciano%20Vinhosa.pdf>. Acesso em: 27.set.2023